

Sintomas Ma Rbidos A Encruzilhada Da Esquerda Bra

A era do capital improdutivo
 Tarifa Zero
 Depois do colonialismo mental
 Construindo a Comuna
 Gramsci entre dois mundos
 Energy Transition in Brazil
 A Origem do Estado Islâmico
 Maio de 68
 Democracia e Crise
 O velho está morrendo e o novo não pode nascer
 ANTIFA - O Manual Antifascista, Mark Bray
 Economia Pós-Pandemia
 Drogas
 América Latina na encruzilhada
 Terrorismo ocidental
 A economia do conhecimento
 Pró
 A revolução ignorada
 Entre salas e celas
 Memórias de Brumadinho
 Espectros da Ditadura
 Como nasce e morre o fascismo
 Bitcoin
 Global Authoritarianism
 Unsettling Brazil
 Pesadelo
 O Minotauro global
 Por que ocupamos?
 Mobilidade Antirracista
 Marx selvagem
 The War against the Commons
 Passe Livre
 Sintomas Mórbidos: A Encruzilhada Da Esquerda
 Euclides socialista
 Austeridade
 Raça, classe e revolução
 Tópicos de Sociologia do Direito e do Estado
 Revista Outubro - Inverno 2020
 PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação
 Sociedade Viglada

Sintomas Ma Rbidos A Encruzilhada Da Esquerda Bra

Downloaded from music-school.fhny.org by guest

RAFAEL ABBEY

A era do capital improdutivo Editora Autonomia Literária LTDA - ME

O pensamento de Roberto Mangabeira me fascinou, isso já nos anos 1980, porque vi nele um modo insólito de expressar-se o Brasil e a esquerda. A partir de um artigo seu que li na imprensa, em que ele, então brizolista como eu, analisava a diferença entre a política ligada ao trabalho organizado, nascida do sindicalismo desenvolvido nas regiões mais ricas do país, e a mirada mais ampla, desafiadora, na direção das maiorias desorganizadas do povo brasileiro, procurei primeiro acompanhar seus textos, onde os encontrasse, e logo tentar chamar a atenção de outros leitores para eles. Eu o mencionava nas entrevistas que dava. Por mais de ano vi tais menções serem cortadas de suas transcrições impressas. A originalidade do conteúdo do que Mangabeira dizia mostrou ter mais força sobre mim do que as razões esboçadas pelos que o rejeitavam. Neste livro... pessoas interessadas em questões políticas, nas possibilidades do Brasil – ou mesmo nos

problemas básicos da humanidade – encontrarão desafios mentais fecundos.

Tarifa Zero Editora Autonomia Literária LTDA - ME

Admirado por alguns, condenado por outros e temido por todos – o poderio militar do Ocidente é inegavelmente colossal. Em *Terrorismo ocidental*, o intelectual de renome mundial Noam Chomsky discute o poder e a propaganda do Ocidente com o cineasta e jornalista investigativo Andre Vltchek. O livro oferece a introdução perfeita ao pensamento político de Chomsky com uma abordagem acessível para quem deseja compreender melhor o importante papel do Ocidente no mundo, em um momento no qual a tragédia do Afeganistão nos faz lembrar as consequências aterrorizantes do imperialismo. Começando com histórias sobre as bancas de jornais de Nova York, onde Chomsky começou sua educação política quando adolescente, a discussão se amplia para abordar o colonialismo, o controle imperial, a propaganda, a Primavera Árabe e a guerra de drones. Chomsky e Vltchek formulam uma crítica poderosa do legado do colonialismo em muitos países, como Síria, Nicarágua, Cuba, China, Chile e Turquia. Atualizado com um novo prefácio de Chomsky, *Terrorismo ocidental* continua a ser uma crítica influente e poderosa do papel do

Ocidente no mundo, inspirando todos os que o lêem a pensar de forma independente e crítica. "Noam Chomsky é indiscutivelmente o intelectual vivo mais importante hoje." – New York Times 'É uma leitura absolutamente essencial para quem deseja compreender o contexto atual da geopolítica contemporânea, revelando as histórias muitas vezes ocultadas que a deram origem ao problemas atuais, bem como destacando as questões urgentes que o mundo enfrenta e que geralmente são ignoradas.' – Joe Turnbull, [inkyneedles.com](https://www.inkyneedles.com) "É uma leitura esclarecedora, provocativa e reveladora e é um antídoto bem-vindo para a infinidade de livros e filmes sobre os 'horrores' do comunismo." – John Green, Morning Star "Chomsky é sem dúvida um dos maiores pensadores radicais e devemos dar-lhe crédito pela humildade e curiosidade que demonstra ao longo do livro." – Resenha de Livros de Marx e Filosofia *Depois do colonialismo mental* Autonomia Literária Nascido em meio à guerra civil do Iraque e Síria, o Estado Islâmico (ISIS) começou a atormentar o mundo em 2014, tornando-se uma poderosa força no Oriente Médio. Combinando fanatismo religioso e façanhas militares, o autodeclarado Califado apresenta uma nova ameaça para a

estabilidade política em toda região. Em A Origem do Estado Islâmico, o veterano jornalista Patrick Cockburn descreve o dramático conflito por detrás dos acontecimentos desencadeados pela política externa dos Estado Unidos. Cockburn demonstra como o Ocidente criou as condições ideais para o explosivo sucesso do ISIS, ao fracassar na "Guerra ao Terror" no Iraque e fomentar a guerra civil na Síria. O Ocidente – EUA e OTAN em particular – subestimou o potencial das milícias até as últimas evidências e falhou em impedir que os principais patrocinadores do 11 de Setembro continuassem amparando grupos jihads através da Arabia Saudita, Turquia e Paquistão. A volta da ameaça dos jihadistas está apenas recomeçando.

Construindo a Comuna Editora Autonomia Literária LTDA - ME

Finalmente, Maio de 68: a Brecha ganha uma edição em língua portuguesa e nós da Autonomia Literária temos a honra, neste cinquentenário da Revolução Global de 1968, de apresenta-la ao público brasileiro. A icônica obra, escrita pelo memorável trio formado por Cornelius Castoriadis, Claude Lefort e Edgar Morin, ganha vida no Brasil de 2018 na fina e criteriosa tradução dos jovens Anderson Lima da Silva e Martha Coletto Costa - com prefácio à edição brasileira do quase centenário Morin, ironicamente o mais velho dos três autores e o único ainda vivo, apresentação à edição brasileira de Marilena Chaui, ensaio crítico de Olgária Matos, posfácio de Irene Cardoso e orelha de Franklin Leopoldo e Silva, todos peso-pesados da filosofia brasileira que viveram intensamente os eventos de Maio de 68. Maio de 68: A Brecha é mais do que um relato, in loco, de um acontecimento de proporções titânicas, mas uma epopeia sobre uma abertura que persiste até os nossos dias: sua reivindicação anticapitalista, por meio de um clamor pleno e imanente, que não se conformava com um socialismo burocrático; era preciso não só derrotar o capitalismo como, também, recusar a substituição da burguesia por qualquer outra casta que, meramente, lhe sucedesse. Castoriadis e Lefort, ambos pensadores engajados, comprometidos com a Socialismo ou Barbárie, intelectuais reconhecidos e militantes incansáveis da construção de um socialismo outro, e Morin, um pensador judeu e velho membro da Resistência Francesa -- que ainda, hoje, quase aos cem anos continua a lutar pelas causas urgentes -- se uniram para a difícil missão de narrar esse atravessamento que passava por universidades, ruas, praças, fábricas etc. Ainda que o Maio de 68 francês, do qual trata o livro, tenha ecoado o que já acontecia na luta por libertação no Terceiro Mundo, da luta dos jovens comunistas chineses contra a velha burocracia ou dos vietnamitas e dos latino-americanos contra o imperialismo, dos negros por direitos civis nos Estados Unidos, fato é que Paris, naquele instante, era o megafone pelo qual atravessava o burburinho que agitava o mundo: como no Junho de 2013 brasileiro, no qual São Paulo reverberou as lutas de outras capitais, ao final, recebendo e amplificando o que chegava, devolvendo maior o clamor original e fazendo-o chegar a tantas outras partes. Como acentuou Castoriadis em seu relato ainda na primeira parte do livro: é a primeira vez que, numa sociedade capitalista burocrática moderna, não é mais a reivindicação, mas a afirmação revolucionária mais radical que irrompe aos olhos de todos e se propaga pelo mundo. O que era essa agitação, o que era essa polifonia, quem eram esses novos atores que não apenas entraram no jogo como, também, viraram o tabuleiro e questionaram o seu sentido? É isso que fazem os autores, escrevendo quase como se tomados pela peste, sob o efeito de uma febre infernal. Nascidos nos anos 1920, eles eram fruto de uma geração que, à direita e à esquerda acreditava, em grande medida, no mito do progresso e da modernização, coisa que bem antes do Maio, eles já recusavam; uma ilusão que projetava, como Morin bem pontuou, para um futuro no qual A União Soviética, ao se tornar liberal, e os Estados Unidos da América ao se regular, vão convergir para o mesmo tipo de sociedade assistencial e de democracia pluralista. Esse grande engano e foi, definitivamente, desmontado no Maio de 68, na "desordem nova" à qual se referiu Lefort, pela qual os franceses descobriram que sob os pavimentos das ruas havia a praia, ao arrancar os paralelepídedos para responder ao aparato repressivo em ação. Ainda que o capitalismo enfim se reconfigurou para reagir a este tipo de revolução na forma do neoliberalismo, fato é que a Brecha da qual falam os autores se mantém viva e, como acontecimento, emerge de tempos em tempos pondo o sistema ainda em xeque. *Gramsci entre dois mundos* Editora Autonomia Literária LTDA - ME

Um livro necessário. Num país que lida mal com seu passado, a literatura pode oferecer caminhos para compreender os pesadelos que hoje nos afligem e nos surpreendem e não deveriam porque, afinal, não há presente vivido por nenhuma sociedade que não plante suas raízes num passado próximo ou distante. Tudo o que se escreveu sobre os anos de chumbo é ainda insuficiente para lançar luz sobre a extensão – e a profundidade – da tragédia imposta à sociedade brasileira no período 1964-1988, quando o país voltou a contar com uma Constituição Liberal Democrática. Essa é uma obra de ficção. E o autor trata de explicitá-lo já na Advertência que abre o livro em que os

personagens são arrancados da vida compartilhada por ele em diferentes presídios para compor, como metáfora, o painel da barbárie que o país escondeu de si mesmo e segue como exigência para alcançar um patamar mínimo do que se poderia definir como uma sociedade civilizada. ficção é chamada a decifrar e compreender as múltiplas faces dos dramas que o relatório dos inquéritos, dos interrogatórios não é capaz de capturar. Por isso o livro que você tem nas mãos é um livro necessário. Mais do que uma "literatura de testemunho", um exercício de pensamento e sensibilidade que busca, ao elaborar seus paradoxos, encontrar sentidos para a construção da máquina repressiva do Estado – da máquina de moer carne – posta em funcionamento pela ditadura civil-militar (1964-1988) e para a resistência que se levantou contra ela. Para discernir as raízes da violência de classe numa sociedade herdeira de 300 anos de escravidão, assentada na compreensão de que o domínio de classe se consoma com o aniquilamento de quem contra ele se levanta. Se é verdadeira essa percepção, você têm nas mãos um livro indispensável.

Energy Transition in Brazil Editora Autonomia Literária LTDA - ME

O Governo Democrático e Popular de São Paulo (1989-1992) caracterizou-se por inúmeras iniciativas que contribuíram para o objetivo estratégico de inversão das prioridades na cidade. O transporte coletivo controla tempos, usos, acessos e pode reforçar a estrutura social excludente. Por isso, foi um dos temas prioritários de nosso governo, tendo sido marcado pelo projeto da Tarifa Zero para o sistema de ônibus. Apresentada pelo então secretário municipal de Transportes, Lucio Gregori, implicava uma reforma tributária radical e progressiva. Apesar de grande aprovação popular, não foi sequer votada pela Câmara Municipal. Mas ela sobreviveu: foi central nas jornadas de junho de 2013 e hoje é praticada ou estudada no Brasil e no mundo. O projeto era e é factível de todos os pontos de vista: técnico, econômico e social, mas dependia de viabilidade política. Com ele, abriu-se caminho para uma nova contratação do serviço de ônibus que levou à maior aprovação desse serviço pela população na história da cidade. Este livro, além de atualização histórica, é importante e oportuno ao relatar a construção de uma proposta que hoje, trinta anos depois, permanece atual. Em 2015, nessa mesma luta, nosso mandato conseguiu a inclusão do transporte como direito social na Constituição Federal. Sua regulamentação é uma grande tarefa que doravante se coloca. A Tarifa Zero e sua história, relatada e discutida aqui, são fundamentais para a construção de uma sociedade justa e digna. Luiza Erundina de Sousa, deputada federal pelo PSOL e ex-prefeita de São Paulo

A Origem do Estado Islâmico Autonomia Literária

A maior parte das pessoas está desatenta à vigilância permanente exercida por corporações e Estados por meio das novas tecnologias, que se tornaram onipresentes em nossas vidas. Acredita-se que os cidadãos comuns não incomodam os grandes poderes – e por isso não são alvos. Este livro alerta para a ingenuidade de tal crença. Ele mostra que os danos causados pela captura permanente de nossos dados vão muito além do risco de desvendar a vida íntima de cada um. Está se gestando, em enorme retrocesso civilizatório, um mundo em que um pequeno grupo de atores controlará as escolhas individuais e coletivas: da roupa a vestir na próxima semana às decisões políticas que moldam o mundo. Para evitar o desastre, é preciso compreender em profundidade os riscos – e enxergar as alternativas. Sociedade Vigiada é uma obra indispensável para isso. "O capitalismo de vigilância precisa ser reconhecido como uma força profundamente antidemocrática" – Shoshana Zuboff

Maio de 68 Springer Nature

O rompimento da barragem da Mina do Feijão – controlada pela Vale S.A. – na cidade de Brumadinho, em Minas Gerais, colocou o Brasil novamente no mapa mundial dos grandes desastres ambientais. Com mais de 250 mortos, desaparecidos e nenhum preso, a tragédia é a mais letal do mundo nas últimas três décadas. Este livro-reportagem traz histórias inéditas de personagens de Brumadinho, sobreviventes, familiares e profissionais que trabalharam na linha de frente da operação de resgate, em seus impactantes depoimentos colhidos in loco pela autora. Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam, portanto, revela a história e o drama humano das pessoas por trás dos números, trazendo detalhes que passam despercebidos pela cobertura midiática tradicional desse gigantesco evento, o qual expressa, por contraste, a total desumanidade do Brasil contemporâneo. "O livro que o caro leitor tem agora em suas mãos é um claro exemplar do melhor jornalismo. Em primeiro lugar, por ter sido escrito com o coração, mas por ser endereçado ao fígado." — José Arbex Jr. "Julia Castello Goulart me lembra Svetlana Alexijevich, tanto no jeito físico, como na escrita." — Pollyana Ferrari

Democracia e Crise Editora Autonomia Literária LTDA - ME

O neoliberalismo está se fragmentando, mas o que surgirá entre seus cacos? A principal teórica

política feminista do século XXI, Nancy Fraser, disseca a atual crise do neoliberalismo e argumenta como poderíamos arrancar novos futuros de suas ruínas. O colapso político, ecológico, econômico e social global – simbolizado pela eleição de Trump, Bolsonaro e outros governantes de extrema-direita que dizem ser antiestablishment, embora façam parte dele – destruiu a fé de que o capitalismo neoliberal pode beneficiar a maioria do povo dentro da democracia. Fraser explora como essa fé foi construída no final do século XX, equilibrando dois princípios centrais: reconhecimento (quem merece direitos) e distribuição (quem merece renda). Quando eles começam a se desgastar com as sucessivas crises nas primeiras décadas do século, novas formas de populismo surgem à esquerda, para os 99%, e à direita, para o 1%. Fraser argumenta que esses são sintomas da maior crise de hegemonia do neoliberalismo, um momento em que, como Gramsci disse, "o velho está morrendo e o novo não pode nascer". O livro é acompanhado de uma belíssima entrevista do editor da revista Jacobin, Bhaskar Sunkara, com Fraser, que argumenta termos a oportunidade de transformar o populismo progressista em uma força social emancipatória, podendo, assim, reivindicar uma nova hegemonia.

O velho está morrendo e o novo não pode nascer Editora Autonomia Literária LTDA - ME

O livro América Latina na encruzilhada é um balanço, nem sempre otimista e alentador, das duas últimas décadas de transformações em nosso continente. Após uma euforia inicial, parecida com aquela experimentada nos primeiros anos da Unidade Popular com Salvador Allende no Chile em 1970-1973, uma série de governos populares na Argentina, Brasil, Bolívia, Equador e, ainda uma vez, no Chile, fez ressurgir a possibilidade de mudanças profundas num continente onde, desde suas origens, a colonidade parecia ser um destino inexorável. No entanto, uma série de golpes, mesmo que com novas roupagens, primeiro em Honduras, depois no Paraguai, Brasil e Bolívia viria explicitar que mesmo os governos ditos "populares e progressistas" e suas agendas reformadoras, no âmbito do capitalismo, não tinham condições de avançar numa sociedade rigidamente classista, desigual, racista e marcada por um profundo egoísmo histórico. Os autores reunidos neste livro, para além de um balanço histórico dos avanços e recuos dos movimentos populares, se lançam à complexa tarefa de questionar as razões históricas – e portanto, suscetíveis de transformação – que ainda hoje condenam os povos latino-americanos a viver em Estados marcados por uma "sub-soberania", sujeitos a uma condição colonial, controlados por uma elite mesquinha e desprovida de qualquer projeto nacional. Para tal, os pesquisadores fazem uma "interpelação do Estado" na América Latina, de sua natureza e limitação, de seu caráter de classe, de sua incapacidade de deslocamento em direção aos grupos subalternos, populares, às grandes majorias étnicas historicamente exploradas, às minorias de gênero e regionais. O livro em questão é uma reflexão sobre a perda da inocência teórica, um passo em direção à superação das utopias e da maturidade política. Trata-se de sair do sonho e adentrar no mundo real: o que representa ganhar eleições hoje na América Latina? O que representa a liberdade de expressão? Qual a importância do jogo político parlamentar? Todas estas questões são colocadas, sem sectarismos, em dimensão teórica rigorosa, sem perder de vista a relevância da educação política, da organização autônoma das classes trabalhadores e do debate político corretamente fundamentado. A "encruzilhada" atual da América Latina implica em caminhos múltiplos e simultâneos e no entendimento do poder sempre renovado e ampliado, que as elites usam constantemente para manter seu controle sobre a sociedade. Este livro, quiçá, represente um passo na retomada do debate americanista fundamental, que havia se perdido no Brasil, sobre a tragédia que se abateu sobre o nosso continente e as possibilidades de retomada da crítica e da ação pelos povos latino-americanos. Francisco Carlos Teixeira da Silva, professor Titular de História Moderna e Contemporânea/UFRJ e professor Emérito da ECEME. Ganhador do Prêmio Jabuti 2014. *ANTIFA - O Manual Antifascista*, Mark Bray Autonomia Literária

O aborto é legalizado nos Estados Unidos há mais de quatro décadas. Três em cada dez mulheres norte-americanas já fizeram um aborto (no Brasil são duas), e cerca de seis a cada dez mulheres que fazem abortos já são mães (por aqui são oito). Enquanto as razões que levaram à legalização se tornam mais distantes no tempo – como as mortes e lesões sofridas por mulheres que usavam métodos rudimentares e perigosos, o que ainda é uma realidade para as mulheres brasileiras –, campanhas baseadas em distorções, falsas bases científicas, contraditórias alegações de princípio ou, simplesmente, fake news, ganham espaço e criam grandes obstáculos para as mulheres decidirem sobre seus corpos e suas vidas. Os defensores do óvulo fecundado procuram transformá-lo em um supersujeito, com direitos que se sobrepõem à vida e às liberdades individuais da mulher. Em nenhum outro caso se propõe que o Estado invada de tal forma a vida privada de seus cidadãos como quando o assunto é aborto. Com um texto dialógico e bem

fundamentado, a ativista e escritora Katha Pollitt discute em detalhe cada um dos argumentos contrários e favoráveis ao direito de decidir sobre o aborto, desde questões científicas até os aspectos legais, filosóficos e religiosos. E mostra que por trás das estratégias dos opositores ao aborto está o combate à liberdade sexual das mulheres e, na maioria das vezes, o desejo de retroceder a um estilo de vida incompatível com o que consideramos como a vida contemporânea. *Economia Pós-Pandemia* Autonomia Literária

Este livro é a antítese da agenda econômica dominante no Brasil. Professores e pesquisadores revelam como a agenda da austeridade é anacrônica ao negar o papel da política fiscal como indutora do crescimento e do emprego e é cruel ao propor sacrificar as garantias constitucionais do financiamento dos direitos sociais. Seus capítulos denunciam as consequências sociais dos cortes de gastos e mostram como o discurso da austeridade fiscal é ideológico, falacioso e dogmático. Além disso, o livro aponta para o futuro e propõe uma nova agenda econômica para o país que reafirma os direitos sociais, o papel do Estado no provimento desses direitos e a política fiscal como ferramenta para o crescimento, preservação ambiental, redução das desigualdades sociais, regionais, raciais e de gênero, em direção a um projeto de desenvolvimento transformador da realidade brasileira.

Drogas Editora Autonomia Literária LTDA - ME

"Mobilidade antirracista" coloca em questão um dos aspectos mais importantes e menos discutidos do racismo: a espacialidade. O racismo é relação social e, como toda relação, se materializa em um espaço constituído por determinadas condições históricas. Pensar a "raça" de forma crítica é, portanto, considerá-la um construto socioespacial. Com efeito, características físicas e práticas culturais são apenas o dis- positivo que faz atuar sobre os indivíduos uma série de mecanismos de controle e de dominação. O tratamento dispensado pelo presente livro à questão da mobilidade urba- na nos leva a refletir como o racismo opera na configuração dos espaços e na determinação das condições com que os corpos se movimentam em cidades organizadas pela lógica da exploração capitalista. Por isso, a luta antirracista consiste na formulação teórica e na realização de práticas políticas que quebrem as interdições raciais e de classe. – Silvio Luiz de Almeida, presidente do Instituto Luiz Gama, doutor em direito, professor e advogado. "A partir de 2018, o brasileiro passou a gastar mais com transporte do que com alimentação, perdendo apenas para os gastos com habitação. Em média, 18% dos ganhos dos assalariados se destinam ao transporte. Quanto menor o rendimento das famílias, maior o percentual de gasto com o transporte público; quanto maior o rendimento, maior o gasto com compras de veículos." – Talíria Petrone, deputada federal pelo PSOL-RJ e prefaciadora do livro. "Que diante dos abismos aprofundados com a Covid-19, com este livro possamos conduzir os trens da resistência para vencermos a pandemia do racismo, do sexismo e da segregação espacial brutal que se abate sobre o nosso povo." – Vilma Reis, socióloga, ativista do Movimento de Mulheres Negras e cofundadora da Coletiva Mahin Organização de Mulheres Negras.

América Latina na encruzilhada Autonomia Literária

Nos dias de hoje, fica mais evidente a relevância da Sociologia do Direito e do Estado para a formação dos juristas, mormente nos estudos de pós-graduação *stricto sensu*, onde se espera uma maior percepção para além do tecnicismo ou da dogmática e, ainda, a expansão da produção e da pesquisa em Direito acerca de temas impactantes na sociedade e, conseqüentemente, na prática do Direito. Os artigos apresentados nesta obra foram produzidos a partir do estudo de tópicos e temas que despertaram profundas discussões, lastreadas em autores nacionais e internacionais, que subsidiaram e possibilitaram uma análise do Direito, sob a perspectiva e o universo da Sociologia. São textos com temáticas variadas, tais como: Forma, histórico e críticas no ensino da sociologia jurídica nos cursos de graduação em Direito no país, diante da sua essencialidade para a formação do profissional do Direito; compreensão do tributo como fato social jurídico; análise das tecnologias, especialmente a Inteligência Artificial, na transformação digital da sociedade e do direito; influência extrajurídica, a exemplo da empatia como emoção ou habilidade cognitiva, na

atividade de julgar, inclusive quando do auxílio de Inteligência Artificial; o papel do judiciário na implementação de políticas públicas a partir de processos estruturantes e sua eventual condição de outsider; investigação da produção jurisprudencial do Supremo Tribunal Federal sobre assuntos relacionados à pandemia do Sars-CoV-2 no contexto da imbricação ou afetação recíproca entre direito e mudanças sociais; análise do direito humano e fundamental à alimentação adequada a partir da fome como estado de anomia social e da importância da participação da sociedade para a construção de uma sociedade, envolta pela solidariedade social, para efetivação mínima dos direitos sociais; exame do Estatuto da Cidade sob o ponto de vista da sua efetividade na transformação da ordem urbanística e eventual qualidade de legislação simbólica.

Terrorismo ocidental transcript Verlag

A unique historical account of poor peoples' self-defence strategies in the face of the plunder of their lands and labor For five centuries, the development of capitalism has been inextricably connected to the expropriation of working people from the land they depended on for subsistence. Through ruling class assaults known as enclosures or clearances, shared common land became privately-owned capital, and peasant farmers became propertyless laborers who could only survive by working for the owners of land or capital. As Ian Angus documents in *The War Against the Commons*, mass opposition to dispossession has never ceased. His dramatic account provides new insights into an opposition that ranged from stubborn non-compliance to open rebellion, including eyewitness accounts of campaigns in which thousands of protestors tore down fences and restored common access to pastures and forests. Such movements, he shows, led to the Diggers' call for a new society based on shared ownership and use of the land, an appeal that was more sophisticated and radical than anything else written before the 1800s. Contrary to many accounts that treat the reorganization of agriculture as a purely domestic matter, Angus shows that there were close connections between the enclosures in Britain and imperial expansion. The consolidation of some of the largest estates in England and Scotland was directly financed by the forced labor of African slaves and the colonial plunder of India. This unique historical account of ruling class robbery and poor peoples' resistance offers answers to key questions about the history of capitalism. Was enclosure a "necessary evil" that enabled economic growth? What role did deliberate promotion of hunger play in the creation of the working class? How did Marx and Engels view the separation of workers from the land, and how does resistance to enclosure continue in the 21st century?

A economia do conhecimento Editora Mucuri

Entre salas e celas é um retrato do cotidiano de audiências criminais sob a visão do juiz. O drama da decisão, a prisão injusta que se revela no meio do processo, a violência, o medo e a desesperança dos que frequentam o habitat. Uma coletânea de personagens que a própria ficção não seria capaz de reunir: o bilheteiro fanho do cine pornô que é testemunha chave de um crime, a vítima que sobrevive com uma faca cravada na garganta, o bom ladrão que alerta a polícia sobre a fuga do preso que assiste do banco dos réus. Mulheres estraçalhadas pelas violências da vida e da lei. O choro de Kátia, moça pobre, parda e triste, acusada injustamente de grande traficância. A sombra dos dentes do assaltante que apavora a idosa por todas as noites. Cinco anos entre as duas audiências da jovem Bianca molestada de pai e mãe. A linha ténue que separa a vida e a morte. Um oficial cheio de justiça que chega em cima da hora para salvar o magistrado de uma catástrofe. O jovem drogado que rouba para não morrer. O preso que assiste inerte ao infarto de sua mãe, durante o próprio interrogatório. Estas e outras crônicas recheiam o livro que registra, sobretudo, o aprendizado de um juiz e a sensibilidade que tantos dramas humanos e histórias desperdiçadas lhe permitem adquirir.

Pró Autonomia Literária

Como os bancos registram lucros bilionários em plena recessão e desemprego? Neste livro, Ladislau Dowbor investiga como a riqueza do mundo – minérios, petróleo, trabalho, alimentos –, produzida pelo trabalho, é capturada pelos bancos e seus intermediários financeiros. Com uma vasta pesquisa, Ladislau revela os mecanismos usados pelas corporações financeiras, com

estruturas que muito se assemelham a governos, para exercer o poder político diretamente e influenciar as principais decisões dos poderes públicos. O resultado não poderia ser diferente: esterilizam a riqueza produzida pela sociedade para multiplicá-la somente em seu próprio benefício, por meio de investimentos financeiros que não criam novas tecnologias nem geram novos empregos. Ladislau demonstra por que o mercado considera positiva qualquer atividade que gere lucro – ainda que trave a economia e produza prejuízos sociais e ambientais – para enviar seus recursos, a salvo de impostos, a paraísos fiscais. O livro destrincha como a financeirização dilacera as economias no Brasil e mundo afora ao forçar os governos eleitos a cumprir agendas refutadas pelas urnas. Sobretudo quando desviam grande parte do orçamento público para o pagamento de juros da dívida, engordando ainda mais as forças do capital financeiro em detrimento de políticas públicas de saúde, educação, previdência.

A revolução ignorada Autonomia Literária

Quem diria que Euclides da Cunha, o mais renomado intelectual militar do Brasil, era um socialista? Assim como Lima Barreto, Oswald de Andrade, Tarsila Amaral e outros grandes literatos brasileiros, Euclides também teve sua militância política apagada da história. Poucos sabem, mas o autor do clássico *Os Sertões* foi preso e expulso do Exército, em 1888, por um ato de rebeldia ao quebrar seu sabre numa cerimônia com o ministro da Guerra do Império, Tomás Coelho. Após esse ocorrido, o ex-militar largou a farda e se envolveu com ideias mais iconoclastas, passando a assinar seus artigos e crônicas no jornal *A Província de São Paulo*, antigo *Estadão*, com o pseudônimo do anarquista Joseph-Pierre Proudhon, a quem se referia como um dos pensadores mais originais de seu tempo. Dois anos depois de ter publicado sua obra mais renomada, em 1904, Euclides começa a defender o legado intelectual do comunista alemão Karl Marx, "este inflexível adversário de Proudhon", quando lembra, num artigo histórico, que: "o caráter revolucionário do socialismo está apenas no seu programa radical. Revolução: transformação. Para conseguir, basta-lhe erguer a consciência do proletário (...) Porque a revolução não é um meio, é um fim; embora, às vezes, lhe seja um meio termo, a revolta. Mas esta sem a forma dramática e ruidosa de outrora. As festas do primeiro de maio são, quanto a este último ponto, bem expressivas. Para abalar a terra inteira, basta que a grande legião em marcha pratique um ato simplíssimo: cruzar os braços... Porque o seu triunfo é inevitável".

Entre salas e celas Autonomia Literária

Fruto da experiência de Guilherme Boulos durante anos de militância no MTST, Por que ocupamos? sistematiza informações e pontos de vista que deveriam ser de conhecimento obrigatório para quem se propõe a discutir a questão habitacional brasileira. Aqueles que se limitam a ofender os sem-teto devido às ocupações de prédios e terrenos, antes de sequer ouvir seus motivos, encontrarão no livro um desconhecido e surpreendente território a ser desbravado pela reflexão. Leitores já familiarizados com os movimentos sociais terão a oportunidade de consolidar posições e fortalecer argumentos – pré-requisitos para fazer avançar a luta pela moradia, cada vez mais necessária frente aos abusivos preços dos aluguéis e crescente déficit habitacional nas grandes cidades do país.

Memórias de Brumadinho Autonomia Literária

Desde que existe o fascismo, existe o antifascismo – também conhecido como "antifa". Nascido da resistência a Mussolini e Hitler na Europa durante os anos 20 e 30, o movimento antifa chegou subitamente às manchetes em meio à oposição ao governo Trump, a ascensão da alt-right e o ressurgimento de grupos de supremacistas como o Klu Klux Klan. Em uma inteligente e emocionante investigação, Mark Bray, historiador e um dos organizadores do Occupy Wall Street, nos oferece um olhar único de dentro do movimento, incluindo uma pesquisa detalhada da história da antifa desde suas origens até os dias de hoje – a primeira história mundial do antifascismo no pós-guerra Baseado em entrevistas com antifascistas de todo o mundo, o livro detalha as táticas do movimento antifa e a filosofia por trás dele, oferecendo insights sobre a crescente, mas ainda pouco compreendida, resistência contra à extrema-direita.